

ULTIMATO

"BUSCAI O SENHOR
ENQUANTO SE PODE ACHAR"

Ano III

Campinas, Estado de São Paulo

Números 25,26 e 27

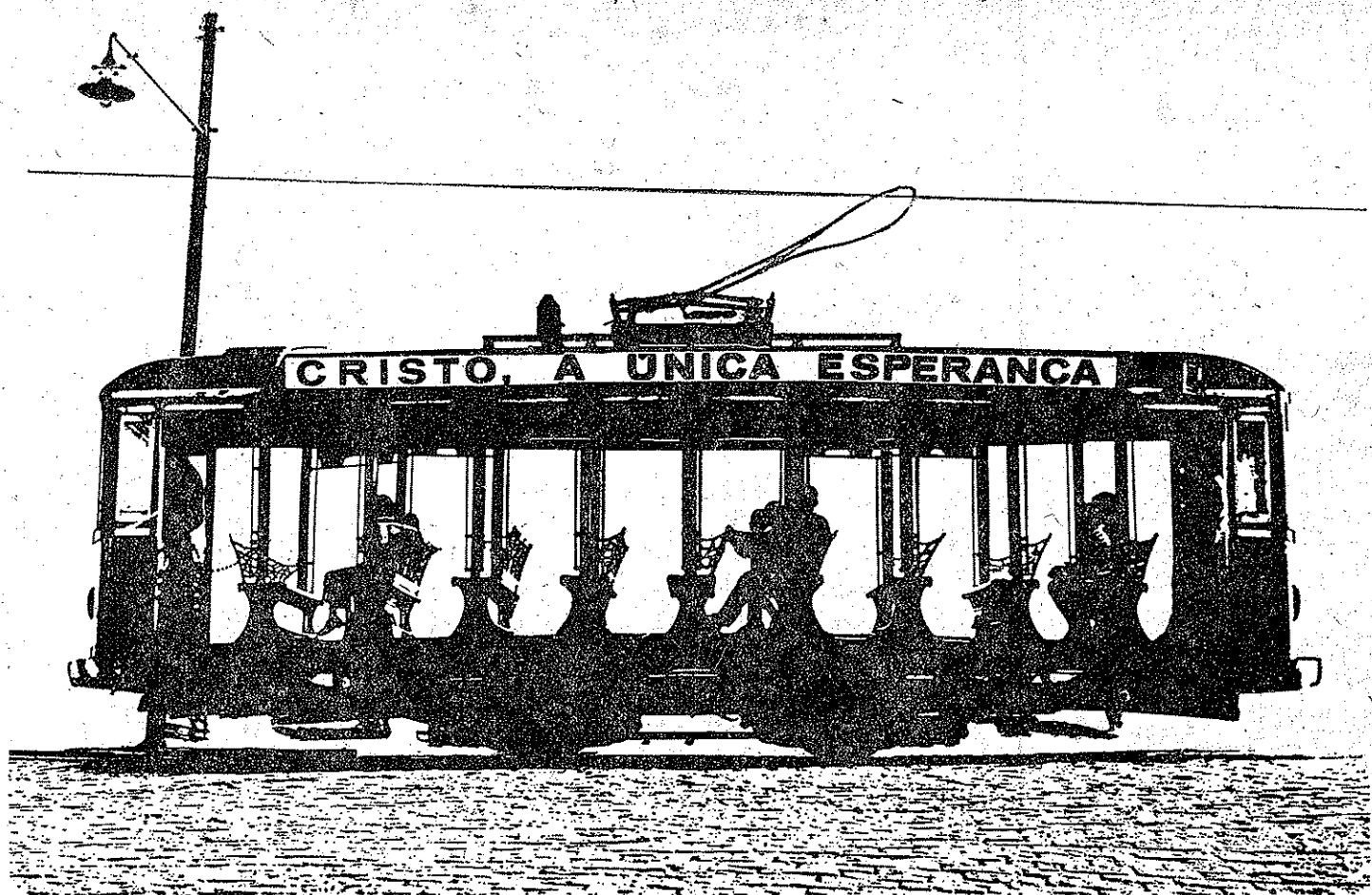
Sílvio Lancellotti, editor-assistente, e Eda Maria Romio, repórter, ambos da revista **Veja**, percorreram toda a imprensa internacional "para encontrar as normas básicas que comandarão a Terra nos próximos dez anos". Chegaram à conclusão de que a palavra-chave de todas as previsões é sempre a esperança. "Esperança é que existe uma profunda mudança no pensamento e na ação dos homens que comandam."

A pesquisa nos traz a agradável notícia de que há esperança no mundo. Ninguém está em desespero. As águas gastaram as pedras e as cheias arrebatarem o pó da terra (Jó), mas a esperança permanece intocável, apesar das guerras, da outra face da ciência e das transformações sociais, morais, éticas, políticas e científicas, ainda não classificadas com firmeza. Embora o barco pareça soçobrar, a tripulação e os turistas não entraram em pânico, não se dissipou a esperança de salvamento.

Não há melhor estado de espírito do que este. Mas é preciso investigar também as bases em que repousa a esperança. Se não hou-

ver fundamento sólido, a esperança será falsa e provocará a mais desagradável sensação. Sentir-nos-emos traídos malogrados. E é isto que vai acontecer, pois a esperança está sendo colocada em cousas que não suportam o seu peso. Muitos confiam na palavra dos astrólogos, nas influências magnéticas, na afirmativa de que "no dia 4 de janeiro o planeta Netuno (que viveu dominado por Escorpião desde 1955) entrou na esfera aconchegante de Sagitário — o signo do idealismo e dos maiores valores espirituais". Outros convergem toda a sua esperança para as previsões e conquistas da ciência, não obstante os problemas que ela mesma cria. Alguns acreditam firmemente na evolução da humanidade, dependente ou independentemente da religião, valendo-se de seus fracassos e de suas amargas experiências do passado.

Sem esperança não se vive. Ela é a última que morre, antes de nós, bem entendido. Mas não é para se agarrar a qualquer canoço agitado pelo vento. Alguém demonstrou possuir qualidades inerentes e autoridade para sustentar o volume e o peso de nossa esperança, através do tempo e espaço. Esse alguém é Cristo, a única esperança.



AINDA HÁ ESPERANÇA ?

As Razões da Esperança

Desde que o pecado entrou no mundo, Jesus Cristo tem sido a suprema e a última esperança daqueles que levam em consideração a Palavra de Deus. Antes da encarnação do Verbo, de geração em geração passava-se e fortalecia-se a notícia de que o descendente da mulher esmagaria a cabeça da serpente. Passados alguns milênios, uma donzela "achou-se grávida pelo Espírito Santo" e deu à luz um filho a quem pôs o nome de Jesus, que quer dizer Salvador. João Batista apresentou-O como "o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (Jo. 1:29). Jesus mesmo nunca se traiu, nunca vacilou, nunca deixou de se referir a si como a esperança imediata do homem. O exclusivismo de suas declarações é de estarrecer mas assenta perfeitamente bem com o seu caráter e com o seu comportamento: "E eu, quando fôr levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo" (Jo. 12:32).

O sistema religioso que acredita que Jesus é o Cristo e que espalhou esta notícia entre as nações do mundo chama-se cris-

tianismo. A mensagem dos cristãos propõe uma reforma de base: a pedra angular é Jesus. Nele está a nossa fé, a nossa esperança, a nossa salvação, a nossa vida.

É ou não é?

João Batista, o enérgico precursor de Cristo, teve, no cárcere, um momento de dúvida. Enfrentou-a honesta e corajosamente. A dúvida era séria e crucial, mas não abrangia tudo. Como a mulher samaritana, ele sabia com absoluta certeza que o Messias, chamado Cristo, haveria de vir. A incerteza momentânea e circunstancial girou em torno da pessoa que ele mesmo havia apresentado como o Cordeiro de Deus. Aquêlê homem, nascido em Belém, criado em Nazaré, batizado por ele, seria exatamente o que estava para vir? Nele deveria João Batista continuar a depositar sua esperança ou haveria de reservá-la para outro? Sim ou não?

A resposta de Jesus não se fez tardar e foi muito bem formulada: traçou um paralelo entre a profecia de Isaías 35:5 e 61:1 com as obras e o ministério que

ele estava realizando, causando profundo impacto entre o povo. Aliás Jesus leu o trecho de Isaías 61:1 e 2 na sinagoga de Nazaré quando iniciou seu ministério e declarou que aquela escritura se cumpria naquele dia (Luc. 4:16-21). João Batista entenderia a alusão e aceitaria a palavra tanto de Jesus como da profecia.

O Dono da Casa

A nossa esperança em Cristo tem de incluir a escatologia, os fatos previstos para tempos ou épocas que ainda não chegaram. "Se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos os mais infelizes de todos os homens" (I Cor. 15:19). Há muita gente que perdeu o entusiasmo, que não entende mais nada, que está prestes a naufragar na fé simplesmente porque se negou a tomar conhecimento das cousas que devem acontecer. O enredo só se completa com os últimos capítulos. A escultura só tem valor com os retoques finais.

Perdeu-se a noção de que "ao Senhor pertence a terra e tudo o que nela se contém, o mundo

e os que nêlê habitam" (Salmo 24:1). Em consequência, tem-se a impressão de que isto aqui é terra de ninguém. Esqueceu-se gradativamente de que o homem é mordomo e Deus é o proprietário. Não se crê no direito de posse, numa autoridade superior, na possibilidade e necessidade de uma intervenção da parte do dono da casa ou dono da vinha, expressões bíblicas que se referem a Jesus Cristo (Mar. 12:9 e 13:35).

É da vontade de Deus que os crentes aguardem "a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo" (Tito, 1:13). A promessa é que "Cristo, tendo-se oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o aguardam para salvação" (Heb. 9:28). Afinal, Ele é o dono da casa e a casa está em tal balbúrdia que exige sua presença. "Vigiai, pois, porque não sabeis quando virá o dono da casa: se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã" (Mar., 13:35).

As Razões da Incerteza

A mesma Bíblia que anuncia a encarnação do Verbo, a morte e a ressurreição de Cristo, e que descreve sua ascensão e seu ministério atual, ao lado do Pai, dá-nos a certeza pura e simples de que esse Jesus do modo como foi assunto ao céu, assim virá (At. 1:11). Ele virá do espaço, dos céus (Fil. 3:20), em dia e hora, já estabelecidos, que ninguém sabe (Mat. 25:36). O cerimonial da Santa Ceia preenche este já longo intervalo: "Todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha" (I Cor. 11:26).

Apesar de haver razões escriturísticas e lógicas para não se ter dúvida, muitos cristãos não acreditam ou deixaram de acreditar na volta gloriosa do Senhor. Eis as possíveis razões:

1. Os exageros doutrinários e o fanatismo religioso associados à doutrina geram uma antipatia ou prevenção contra o Segundo Advento de Cristo. Os erros cometidos por William Miller, em meados do século pas-

sado, marcando a volta do Senhor para o período compreendido entre março de 1843 e março de 1844; as recentes declarações das Testemunhas de Jeová à imprensa de que Cristo voltará à Terra dentro de seis anos, em 1976 (Veja, 21/1/70, pág. 57); e a associação da bendita esperança com movimentos espúrios e estranhos, com cenas deprimentes, como a Cruzada Evangélica A volta de Cristo, do "missionário" e showman Josias de Sousa (Realidade, 2/70, pág. 61), prejudicam horrivelmente a pregação e o ensino da escatologia cristã. O Prof. Albert Roberts, de Porto Alegre, episcopal, explica o que tais desvirtuamentos provocam: "Ficamos envergonhados ou indiferentes quando ouvimos falar de seitas que, dizendo saber exatamente o tempo de Sua Vinda, deixam seus lares vestidos de branco e sobem uma colina para melhor O aguardar".

2. De outro lado, dentro do protestantismo mesmo, há quem defenda a escatologia realizada (a vinda do Consolador, o Espírito Santo, é a vinda de Cristo) ou ensina que não se deve levar a sério a escatologia do Nôvo

Testamento porque os apóstolos escreveram sob a influência apocalíptica da época. Chegam a afirmar que a expressão segunda vinda não é bíblica, esquecendo-se de Heb. 9:28 ("Aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o aguardam para a salvação") e de que a frase é correta em vista do anúncio de uma vinda do Senhor à terra depois de seu primeiro advento.

3. A troca da escatologia bíblica pela tecnologia. Não precisamos de Deus. Não acreditamos na volta de Cristo (como também não damos fé aos mitos da seu nascimento virginal, sua morte vicária e sua ressurreição) nem necessitamos dela. A ciência resolverá tudo, com o tempo. Eliminaremos a morte, acabaremos com as doenças, influiremos na constituição física e psíquica de cada um, dominaremos o universo. Esta atitude pode ser uma reação à pregação de Marx e outros de que a esperança cristã deixa tudo sobre a mesa, adia a solução dos problemas para futuro distante e incerto.

4. Finalmente, a demora do Segundo Advento provoca em muitos a descrença do fato e

também uma atitude de zombaria. Aliás, Pedro previu: "... virão escárnios, andando segundo as próprias paixões, e dizendo: Onde está a promessa da sua vinda? porque desde que os pais dormiram, todas as cousas permanecem como desde o princípio da criação" (II Ped. 3:3 e 4). Alegam que a Igreja Primitiva, inclusive os apóstolos, esperavam para os seus dias o retorno de Cristo. Gerações de crentes, através da história, fizeram o mesmo. É exatamente esta expectativa que Jesus Cristo desejou criar na mente dos salvos: "Estai de sobreaviso" (a expressão aparece três vezes em Marcos 13). Somos um povo peregrino, aguardando cousas melhores, que deveria viver em estado de alerta e, por isso mesmo, em contínua comunhão com Deus por meio de Cristo. O status quo (de miséria moral) permanece o mesmo como desde o princípio, porque "aquilo que Cristo realizou mediante a sua morte e ressurreição, será levado à consumação pela sua vinda gloriosa" (G. E. Ladd).

Prof. Albert Roberts, recém-ordenado ministro da Igreja Episcopal do Brasil: "Desde o dia da Ascensão de Nosso Senhor, os cristãos têm aguardado a volta do Senhor para reivindicar seu Reino na terra. Esta expectativa da comunidade cristã é o ponto central de nossa fé. O Novo Testamento menciona claramente a segunda vinda de Nosso Senhor e os credos trazem esta promessa como um artigo de fé. Cada vez que dizemos o Pai Nosso, oramos **venha o teu reino**" (**Estandarte Cristão**, 6/69, pág. 7).

Pastor David Gomes, da Escola Bíblica do Ar: "O Novo Testamento nos afirma, repetidas vezes, o fato do regresso previsto de Jesus a este mundo. Nosso Senhor voltará a terra. É nosso dever nos prepararmos para esse encontro" (**O Jornal Batista**, 31/8/69, pág. 2).

Dr. Rubens Lopes, onze vezes presidente da Convenção Batista Brasileira e presidente da Campanha das Américas, em 1963: "Vamos fazer a Campanha no Brasil em 1965; depois a Campanha das Américas, em 1970, depois a Campanha do Mundo, em 1975. E depois restamos aguardar a vinda do Senhor" (**O Jornal Batista**, 31/8/69, pág. 8).

Rev. Antônio Elias, evangelista presbiteriano e presidente da Associação Evangélica Sarça Ardente: "A segunda vinda de Cristo é um acontecimento absolutamente certo à luz da Bíblia, dos sinais do mundo atual, e do comportamento da igreja contemporânea" (Serviço de Imprensa do Congresso Latino-americano de Evangelização).

Rev. Harold H. Cook, ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil: "Apesar de ter noventa anos, espero trabalhar até o último dia da vida, pois seria muitíssimo melhor morrer no púlpito do que na cama. Mas os sinais dos tempos são tantos, sobre o cumprimento das profecias a respeito da segunda vinda do Senhor, que é bem possível que não vou morrer, mas estarei aqui para encontrá-Lo nos ares, conforme I Tess. 4:17. Que assim seja! Amém!" (**Ultimato**, 10/68, pág. 5).

Cristo voltará

Pe. Tadeu Grings

Acreditam os católicos na Segunda Vinda de Cristo? A resposta será dada pelo. Pe. Tadeu Grings, professor, com diversos cursos em Roma, do Seminário Maior de Viamão, no Rio Grande do Sul, e colaborador do DIÁRIO DE NOTÍCIAS, na capital gaúcha.

A vida cristã está impregnada de uma tensão entre o passado e o futuro. Baseia-se na obra redentora de Cristo e se volta ansiosamente para a sua realização definitiva na eternidade. Por isto o cristão se define como peregrino neste mundo, a viver uma história que é o intervalo entre a ascensão de Cristo ao céu e sua volta no fim dos tempos. Leva pois a marca tanto da obra salvífica de Cristo realizada no passado, como de sua gloriosa aparição no futuro.

A segunda vinda

Aos discípulos, com os olhos fixos na alturas, em que viam Cristo ocultar-se atrás de uma nuvem, foi dirigida uma mensagem consoladora, que os deveria acompanhar e animar em toda a sua vida: "Este Jesus que acaba de vos ser arrebatado para o céu, voltará do mesmo modo que o vistes subir para o céu" (At., 1:11).

A atitude que anima os cristãos, em sua longa caminhada terrestre, é a esperança. A oração, desde os primeiros séculos, exprime esta atitude fundamental. Em meio às dificuldades e os problemas da vida presente, a comunidade cristã reza: Vem Senhor Jesus! E obtém como resposta consoladora: Sim! Eu venho em breve! (Apoc. 22,20).

A redenção já foi realizada pela obra de Cristo, principalmente por sua morte e ressurreição. Contudo ainda não se manifestou o que havemos de ser (I Jo. 3:2). Por isto o cristão espera ansiosamente por este dia de libertação definitiva.

Jesus por diversas vezes chamou a atenção dos discípulos sobre sua volta no fim dos tempos. Queria assim facilitar sua vida terrestre, principalmente no período de ausência e ajudar a que superassem a situação presente, cheia de angústias. Quando falava de sua morte, resultante do ódio e brutalidade dos próprios conacionais, deixava os discípulos perplexos, tristes e abatidos. É então que pronuncia sua palavra de encorajamento: Só quem fôr capaz de se perder é que se salvará. Quando o Filho do homem aparecer na glória do Pai recompensará a cada um conforme suas obras (Mt. 16:25-27).

Vinda gloriosa

A comparação das duas vindas de Cristo mostra sua diferença e significação de cada uma. A primeira vinda se fez de modo oculto. Nem sequer os vizinhos se aperceberam. Só algumas testemunhas preordinadas por Deus tomaram conhecimento do fato. É um testemunho que se

deve estender até os confins do mundo, mas de maneira lenta e por meio de sinais e palavras.

A segunda vinda, pelo contrário, se dará à vista de toda a criação, no esplendor da glória. "Como um relâmpago parte do Oriente e ilumina até o Ocidente, assim será a vinda do Filho do homem" (Mt. 24:27).

A parusia

A S. Escritura designa a segunda vinda de Cristo com a palavra "parusia". Trata-se de um termo técnico grego para indicar a visita de estado, ou a entrada solene de um soberano numa cidade ou província, onde é saudado como Deus e salvador. O dia da entrada, que era o momento em que assumia o poder sobre a cidade, normalmente se tornava festivo e ponto de partida para uma nova era.

Entre os pagãos, os imperadores eram considerados deuses e deviam ser recebidos como tais. A Bíblia porém nos leva à concepção do verdadeiro Deus e nos dá consequentemente o sentido exato da "parusia", i. e. da vinda solene e salvífica do verdadeiro e celeste soberano. Por isto, em lugar de "parusia", emprega também, principalmente nas cartas pastorais, o termo "epifania": manifestação.

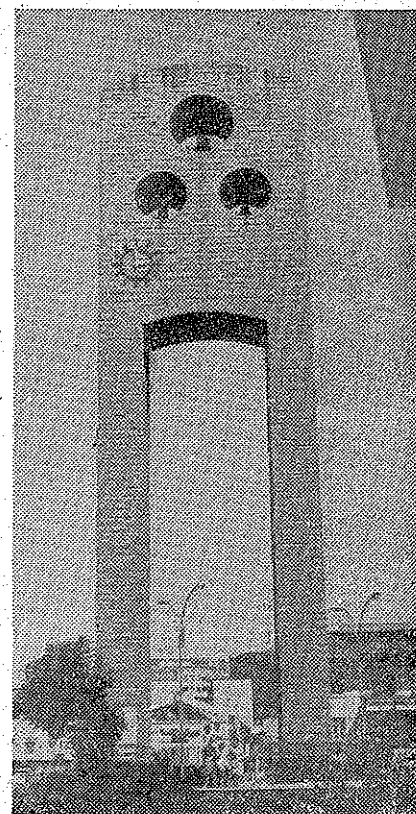
A salvação prometida

Todos os homens esperam uma salvação e procuram melhorar a vida e conquistar uma situação melhor. Nem todos porém encontram quem possa trazer esta melhoria, nem onde ou como realizá-la. Os pagãos a esperavam do imperador, festejando-o como salvador na sua entrada triunfal nas suas cidades. Hoje os homens conseguiram outros substitutivos, igualmente vãos. Põem suas esperanças nas realidades terrestres, como a técnica, as mensagens políticas, a construção de uma sociedade terrena perfeita. ... Prometem então um novo paraíso, que se dará no futuro, conquistado puramente humana!

É certo porém que nenhuma solução puramente terrena será capaz de equacionar os problemas humanos, nem trazer salvação, tendo em vista as necessidades supremas. Para salvar da pena extrema, da morte, da adversidade etc. é preciso esperar em alguém que não seja da cidade terrena, nem transitória como os homens, mas seja do céu. Quem põe sua esperança nas coisas visíveis ou no progresso humano, é certo que zomba e acha ridículo a atitude dos cristãos, que esperam a salvação de Cristo. Fala inclusive de alienação, de estar fora

Levantai, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos, ó portais eternos, para que entre o Rei da Glória

Quem é esse Rei da Glória? O Senhor dos Exércitos, éle é o Rei da Glória. (Salmo 24:9 e 10)



da realidade e qualifica a religião de ópio do povo.

O Cristão porém sabe que o inverso é a verdade. Credo em Cristo, possui uma certeza que no momento oportuno, estabelecido por Deus, Ele reaparecerá gloriosamente como salvação para os fiéis e derrota para os descrentes. Repete-se até o fim do mundo a história dos contemporâneos de Noé que ridicularizavam sua obra.

O tempo da vinda

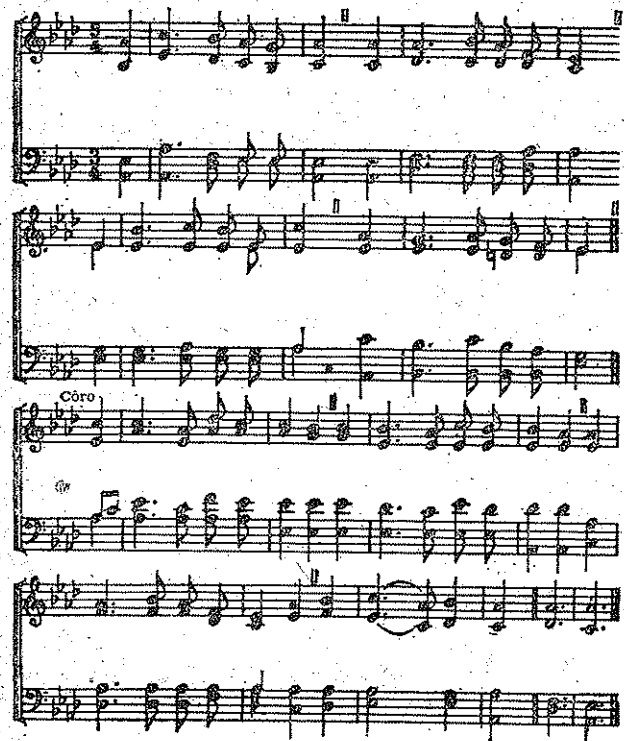
Uma questão que os cristãos desde os primórdios até hoje costumam agitar é quando será a vinda de Cristo. Jesus procurou pessoalmente desfazer equívocos a este respeito e mostrar que o assunto não deverá preocupar ninguém. "Não vos pertence a vós saber os tempos nem os momentos que o Pai reservou em seu poder" (At. 1:73).

Pedro procura ainda desfazer eventuais equívocos. Parecia a alguns cristãos que Cristo estivesse tardando em cumprir suas promessas. Tinham certa urgência ou ânsia em vê-las cumpridas. Daí a advertência apostólica: "Há uma coisa, caríssimos, de que não deveis esquecer: um dia diante do Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia. O Senhor não retarda a sua promessa, como alguns pensam, mas usa de paciência para convosco" (II Pd. 3:8-9).

Apesar de o tempo permanecer incerto até o fim, a volta de Cristo ao mundo para consumar a história da salvação e a história dos homens é certa. E o cristão a espera dia por dia, na grande esperança e alegria, sempre preparado para O receber.

Careço de Jesus

Henriqueta Rosa Fernandes Braga



Ana Sherwood Hawks era uma dona de casa feliz. Amava o seu marido, aplicava-se aos labores domésticos com dedicação e depositava em Deus sua plena confiança, entregando-lhe tôdas as preocupações.

Certo dia, enquanto realizava as tarefas diárias, uma doce paz particularmente a envolveu; uma grande alegria inundou-lhe a alma e sentiu de maneira singular e profunda a presença do Mestre. Pensou então no conforto da presença de Cristo em tôdas as horas, na alegria e na tristeza, e imaginou o que seria viver sem êle, brotando-lhe do coração uma fervente prece em que reconhecia a carência humana em relação a Cristo.

A idéia tomou-a por inteiro. Abandonando seus misteres, sentou-se diante de uma janela aberta através da qual podia descobrir tôda a beleza de uma formoso dia de junho, tomou da pena e extravasou em versos suas incontidas emoções:

Eis o que escreveu:

1. Careço de Jesus!
De Ti, meu Salvador!
Sòmente a Tua voz
Tem para mim valor.
2. Careço de Jesus!
Unido a Ti, Senhor,
Pecado e tentação
Não mais terão vigor.
3. Careço de Jesus!
Vem dar-me ao coração
O gôzo de viver
Em santa retidão!
4. Careço de Jesus!
Nas trevas ou na luz,

Sem Ti a vida é vã:
Sou pobre sem Jesus.

5. Careço de Jesus!
Viver desejo aqui
Ligado mais e mais,
Ó Salvador, a Ti!

De Ti, Senhor, careço!
Do Teu amparo sempre!
Oh! dá-me a Tua bênção:
Aspiro a Ti!

Dias-depois entregou a poesia ao seu pastor — Rev. Roberto Lowry — que lhe acrescentou o estribilho e, já tendo musicado outras letras escritas por Ana Hawks, também pôs esta em música.

Neste mesmo ano — 1872 — “Careço de Jesus” foi pela primeira vez entoado na Convenção Nacional de Escolas Dominicais Batistas realizada em Cincinnati, Ohio.

Pouco depois Lowry e Doane publicaram-no numa pequena coleção intitulada “Diadema Real”.

Anos mais tarde, sua autora perdeu o espôso. Em carta a u’a amiga, confiou-lhe: “Só agora, quando a sombra de uma grande perda caiu sôbre o meu caminho é que compreendi alguma coisa do poder confortador da letra que, em horas de plena segurança e paz, me foi permitido oferecer a outrem”.

A tradução portuguesa dêste expressivo hino foi preparada em 1877 por D. Sara Poulton Kalley, exatamente cinco anos após ter sido escrito e musicado. Fê-lo para incluir no hinário **Salmos e Hinos**, onde pôde ser encontrado sob o n.º 157.

A vida familiar (II)

Ismael Andrade Leandro

A família transmite aos filhos a sua fé em Deus, ou a ausência dessa fé, quer queira quer não. Porisso é muito importante o ministério da Igreja em relação à família, devendo ela conhecer os tipos de família que possui, os padrões familiares e os seus problemas.

A família é a mais velha instituição do mundo, estabelecida por Deus, regulamentada pelos seus mandamentos, abençoada por Jesus Cristo, e para ser tida em honra por todos os homens.

Na plenitude dos tempos, Deus se revelou em Jesus Cristo, nascendo como uma criancinha e num lar humilde e pobre. Seu primeiro milagre foi realizado numa festa de núpcias. Escolheu êle certa feita uma criança para mostrar o tipo de fé que se requeria para se entrar no Reino de Deus.

O Nôvo Testamento honra o matrimônio

recomendando que o amor do espôso seja semelhante ao amor de Cristo à sua Igreja, isto é, verdadeiro, puro e exclusivo.

Diz Santo Agostinho que a mulher foi tirada do lado do homem para ser sua igual, de sob o seu braço para ser por êle amparada e protegida, e junto de seu coração para ser o objeto de seu amor e o centro de seus afetos.

O casamento é um incondicional voto de fidelidade de duas pessoas que sabem o que é amor incondicional através de Jesus Cristo, isto é, a família é convocada para refletir em sua própria vida, o tipo de fidelidade que Deus tem manifesto à humanidade na pessoa do Senhor Jesus Cristo.

Os membros de uma família devem compreender que estão sob o julgamento e a graça de Deus. O padrão a ser seguido deve ser observado por todos, incluindo o pai da família.

Os pais devem compreender que seus filhos são dádivas e propriedades de Deus, e portanto grande é a responsabilidade que lhes pesa como administradores neste mister. Devem zelar pelos padrões de decência e justiça.

Não se esqueça

1. Nôvo enderêço do Ultimato
Caixa Postal, 1236
Campinas, SP

2. Nôvo preço:
Assinatura anual: NCr\$ 8,00

Oferta Especial

Igrejas, organizações missionárias, sociedades de senhoras, de homens e de jovens, escolas dominicais, missionários, pastôres, evangelistas e obreiros leigos que desejarem usar o jornal **Ultimato** para evangelizar gozarão de um desconto de 25%, em pacotes para um só enderêço e a partir de dez exemplares.

Pedidos acompanhados de cheque pagável em Campinas, SP, e em nome do Diretor (veja o Expediente, na pág. 2).

Cristianismo em duas espécies

Reynaldo Prestes Nogueira, juiz de trabalho e pastor da Igreja Batista do Calvário, em Rio Claro, SP: "Há duas espécies de cristianismo: o nominal e o real. Nominal é o de Cristo apenas na boca, é o que tem apenas o rótulo, a fachada, a aparência, o nome de Cristo. Igreja nominal é a que tem a Cristo apenas no frontispício de seu templo, mas não o tem na vida da igreja".

Quem falhou?

Leandro Telles, advogado gaúcho, membro atuante da Igreja Evangélica Luterana: "Em dois mil anos de cristianismo, as falhas existentes no seio do gênero humano não são consequência da doutrina cristã, mas, daqueles que se dizem cristãos, estes é que falharam e não o cristianismo. O mundo necessita reconhecer essa verdade, ela precisa ser proclamada em todos os quadrantes do universo".

Fracasso & Catástrofe

Gustav Heinemann, presidente da República Federal da Alemanha, por ocasião do ano novo judaico: "Se fracassarmos na tarefa de obter a paz, ficaremos entregues a catástrofes imprevisíveis, cujo fim seria o caos espiritual e a decadência física de toda a humanidade".

A doença de hoje

Spiro Agnew, vice-presidente dos Estados Unidos da América: "A doença de nossos tempos é uma sofisticação artificial e masoquista — a vaga sensação de que nossos valores são falsos, de que há algo errado em ser patriótico, honesto, moral e trabalhador".

Tentação

Osmar Utinguassu, colaborador do Correio do Povo, de Pôrto Alegre: "É preciso que resistamos à tentação de querer mudar o que é eterno muito embora aceitemos, com um misto de curiosidade e alegria, as coisas novas que surgem... que vamos descobrindo... que já existiam...".

Procriação

Manuel Chávez, vice-presidente do Secretariado latino-americano do Movimento Familiar Cristão: "Na América Latina as famílias de poucos recursos econômicos procriam número elevado de filhos, mas não atendem à educação dos mesmos. Mais da metade dos nascimentos são extramatrimoniais, devido a uma cultura erótico-sexual, à degradação servilista da mulher, à ausência de condições econômicas, sociais, culturais e religiosas".

A síntese superior

Rose Marie Muraro, formada em Física e Química, carioca, mãe de cinco filhos, autora de dois livros da Editora Vozes, numa conferência sobre a emancipação da mulher, em Pôrto Alegre: "De um excesso de negação, o mundo passou para um excesso de supervalorização. E tudo corre do amor sem corpo para um corpo sem amor. Ambas as formas de amor frustram o ser humano. A gente tem que caminhar para uma síntese superior que é o amor com o corpo".

Felicidade não circunstancial

Edson Arantes do Nascimento, Pelé: "Eu já fui pobre e bastante feliz, graças a Deus. A felicidade não depende da riqueza. O dinheiro é apenas uma parte da vida".

O homem, esse problema!

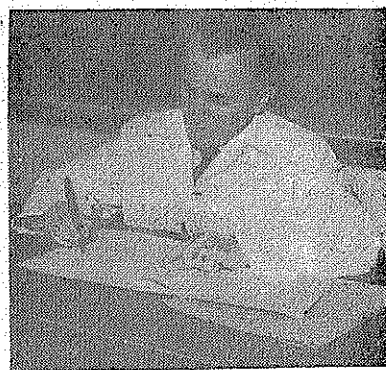
George Wald, biólogo, professor em Harvard, prêmio Nobel, respondendo à pergunta **Qual será o grande problema dos próximos dez anos?**: "O grande problema vai ser o próprio homem, se ele se acomodar pensando que a ciência pode resolver suas dificuldades".

Alma de criança

Leovigildo Longen, do Centro Informativo Católico: "Como creio infeliz, mil vezes infeliz, aquele que deixou morrer, dentro do peito, a alma simples de criança".

Português Pela Bíblia

Augusto Gotardelo



LXXIX. DIZER PARA — "E o Senhor disse para a mulher..." (Gên., 3:13.) "E, levantando-se, ameaçou o vento e disse para o mar: Cala-te, emudece." (Marcos, 4:39.) Não se abuse da regência **dizer para**, que se ouve amiúde em construções como estas: "Disse isto para êle." "Ele disse para mim..." "Ela disse para meu pai..." **Dizer para** equivale a **dizer voltando-se para**. Se não ocorre a acepção diretiva, **dizer para** deve ser substituído por **dizer a**. Nos textos sagrados supratranscritos percebe-se a intenção do escritor de salientar que Deus se voltou para a mulher, e Jesus para o mar. Nota-se a acepção diretiva (ou o fato de estar a pessoa voltada para...) neste exemplo de M. de Assis: "Quando os vereadores falavam uns para os outros..." (A Semana, III, 395.)

LXXX. CONSTITUIR — "E deixou também ali certos homens, que constituiu em autoridade..." (II Mac., 5:22.) "Se vós deveras me constituís por vosso rei, vinde, e repousai debaixo da minha sombra..." (Juizes, 9:15.) "Constituiu-o senhor da sua casa, e por príncipe de tudo o que possuía." (Salmo 104:21.) "Constituíamos um por nosso capitão..." (Números, 14:4.) "Por isso é que fui constituído pregador e apóstolo..." (I Tim., 2:7.) **Constituir alguém em cargo, dignidade**, é regência autorizada. O que se condena é **erigir-se** com o sentido de **constituir-se**. Aparece em Camilo esta construção: "... era para mim crudelíssima mortificação vê-la erigir-se em defensora de seu marido." Mário Barreto, censurando este passo camiliano, escreve: "Seria correta a versão, se Camilo tivesse dito: "... vê-la constituída em defensora de seu marido." E, reforçando a lição, declara o Mestre: "Na esfera de minhas leituras clássicas não tenho memória de haver encontrado o verbo **erigir** como reflexivo; senão sempre ativo ou passivo." O texto seguinte, que é de M. de Assis, robora a lição de Mário Barreto: "Aconselhamos, sim, o autor que não erija em sistema um defeito que pode diminuir o mérito das suas obras." (Crítica Literária, 105.) Em vez, pois, de **erigir-se em professor**, diga-se: **constituir-se professor, fazer-se professor**, etc. E evita-se o galicismo. "Constituiu-o senhor." O é objeto direto; e **senhor**, predicativo dêsse objeto. Pode o predicativo do objeto direto vir com preposição: "Se vós deveras me constituís por vosso rei..."

LXXXI. CONVIDAR — "E Davi o convidou a comer e a beber em sua presença..." (II Reis, 11:13.) "E depois de ter imolado suas vítimas no monte, convidou seus irmãos para comer pão." (Gên., 31:34.) **Convidar** pede objeto direto de pessoa; portanto, é erro construir um período assim: "Venho convidar-lhe para um almôço." Ou: "Eu lhe convido para um almôço." Quem convida, convida alguém a ou para fazer algo ou para algo. Diga-se, pois: "Venho convidá-lo..." As preposições a e para podem vir antes de verbo ou substantivo, e até de uma oração. Ex.: "Félix convidou-o para valsar." (M. de Assis: Ressurreição, 42.) "Fôra convidada a um jantar." (Id., ib., 59.) "Convidei o abade a que me socorra com os sacramentos." (Camilo: A Bruxa do Monte Córdova, 164.) Embora seja mais comum o uso da preposição a com complemento verbal, não é estranho o emprego dela com complemento nominal. Um texto de M. de Assis: "Vão convidar à festa as gentes todas." (Poesias Completas, 245.)

LXXXII. ABOLIR — "E aboliu também Josias os pitões..." (IV Reis, 23:24.) **Abolir** é verbo defectivo, pois o presente do indicativo é assim: **abole, abole, abolimos, abolis, abolem**. Não tem o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. Há quem só aceite as formas em que após o radical apareça a letra i: **abolimos, abolis**. Mas as formas em que se vê e após o radical não são descabidas. Leia-se este trecho de Rui: "Quando o Governo abole a concorrência, ... claro está que há furos na caixa." (Conferência feita na Bahia, em 11 de abril de 1919.) Dizemos como Mário Barreto: "Nenhuma lei de estrutura se opõe a que se forme **abole, colorem, pule, dele, demulo**. O empregá-los numa forma e deixar de empregá-los noutra é coisa que toca ao uso." Na verdade, do ponto de vista da morfologia não há verbo defectivo. A homofonia, a dissonância, o sentido e outras forças levam o povo a esquecer certas formas verbais. É sábia a lição de Rodrigues Lapa: "O povo ou os escritores mostram gosto por uma forma; cai no uso, e o uso é que faz lei." (Estilística da Língua Portuguesa, 205.)

notícias



Alemanha: debate de sermões

O semanário católico *Der Christ* pretende publicar o texto de um sermão pregado no domingo anterior e uma análise crítica do mesmo, com o objetivo de provocar interesse e comentário por parte dos fiéis. Um segundo objetivo seria "melhorar a comunicação entre os pregadores e o povo, pois muitas vezes os sermões são monólogos institucionais sem qualquer conteúdo".

Espanha: Evangelho puro, sem subtrações nem adições

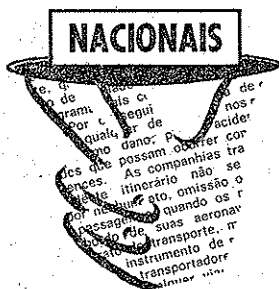
"Nossa Comum Vocação ao Testemunho e ao Serviço em Espanha" foi o tema geral do IV Congresso Evangélico Espanhol, reunido em Barcelona, de 29 de outubro a 1.º de novembro do ano findo. A tese apresentada pelo Pastor José M. Martínez — "O Nosso Testemunho na Conjuntura Atual" — teve grande repercussão por apresentar uma visão notável e bem expressiva da situação. O autor se referiu ao secularismo, à angústia, às tensões e à confusão dos nossos dias e analisou a natureza do testemunho que os protestantes espanhóis deveriam dar em meio disso tudo. "Num sentido estrito", declarou, "Espanha não é católica, como não é anglicana a Inglaterra, nem são luteranas a Alemanha e a Suécia. Os verdadeiros crentes são minoria. A grande maioria dos seus habitantes pode enquadrar-se em algum dos grupos seguintes: os que fizeram uma religião para si mesmos; os ateus; os agnósticos e os despreocupados, que carecem de toda e qualquer inquietação religiosa". O pastor Martínez acredita que a apresentação do Evangelho "em toda a sua pureza tal como o achamos no testemunho apostólico do Novo Testamento, sem as subtrações ou desfigurações de certas escolas protestantes liberais e sem as adições da tradição católica", é a meta desejável e acertada. "O ciclone do secularismo não apagará jamais as ânsias espirituais do homem, ânsias que só a Boa-Nova satisfaz adequadamente", acrescentou.

EE. UU. da América: dar a Bíblia (falada) a China

A telecomunicação está realizando proezas a serviço da Sociedade Bíblica Americana. Por meio de quatro possantes estações de ondas curtas e em duas línguas chinesas, a referida sociedade dita diariamente a Bíblia, palavra por palavra, para a China. Deve haver neste país mais de seis milhões de aparelhos receptores e é de se esperar que o paciente trabalho não será em vão. Pelo menos uma informação já chegou a Nova York: alguém está passando para o papel o texto sagrado, tendo escrito até o capítulo 28 de Gênesis. Como se sabe, o atual governo chinês proibiu a entrada de Bíblias. Repete-se a experiência de Paulo — "A Palavra de Deus não está algemada" (II Tim. 2:9).

Inglaterra: fé em vez de imundícia

Tôdas as formas de imoralidade na Grã-Bretanha sofreram dura oposição nos meses de setembro a dezembro do ano findo. Com estudantes invadiram a área de Soho para colocar 300 grandes cartazes com as palavras **Fé — não Imundícia** (Faith not Filth) do lado de fora dos clubes de **striptease** e para distribuir 25.000 folhetos. A operação gastou cerca de oito horas. Os jovens pertencem ao Grupo de Ação Estudantil Cristão. As Assembléias de Deus iniciaram uma grande campanha de "Limpar TV", por meio de decalques em carros e cartazes convocando o povo a "varrer a imundícia AGORA". Defronte a uma das mais famosas clínicas de aborto de Londres, um grupo de 25 jovens cristãos de Rugby fizeram enérgico protesto. Os pentecostais levaram cartazes feitos em casa com **slogans** tais como: "Não matarás — nem mesmo por 65 guinéus por vez" e "Malditos sejam os ginecologistas e cirurgiões, juradores hipócritas".



Ordenação cosmopolita

O chinês Wing-Yan-Kee foi ordenado pastor em novembro último na Igreja Batista Paulistana. A cerimônia se revestiu de um aspecto muito singular porque dela participaram um descendente de sírios (Dr. César Thomé, presidente do Concílio), um árabe (o secretário), um texano (Dr. Thurmon Bryant, o pregador da noite) e um búlgaro (o que fez a entrega da Bíblia). Havia muitos chineses no auditório.

O velho dizimo

Com 110 votos favoráveis (quatro foram com emendas) e apenas oito contrários, os Bispos Católicos do Brasil recomendaram "um estudo teológico e científico sobre o dizimo a ser aplicado sistematicamente". Esta proposição foi aprovada depois da verificação de que a manutenção do clero e das obras deveria ser, na medida do possível, desvinculada da administração dos sacramentos e que o atual sistema de taxas é pastoralmente inadequado. O boletim informativo **Renovação** acredita que as dioceses do Sul do Brasil "aceitarão o desafio e estimularão as paróquias e comunidades de base a adotar o sistema do dizimo, tão oportuno teológica e pedagogicamente, e tão caro a outras gerações cristãs".

A VII Assembléia da ASTE

A Associação de Seminários Teológicos Evangélicos (ASTE), com sede em São Paulo, já publicou 31 livros-texto (135.000 exemplares) desde sua organização. Nos próximos cinco anos, a ASTE pretende publicar, além dos livros técnicos de alto nível, uma série de volumes, em formato "de bolso", de aproximadamente 100 páginas cada um, redigidos numa linguagem que não exclua o leitor não especializado. Os autores dessas obras serão escolhidos entre escritores, de preferência brasileiros, que tenham especialização em alguma disciplina teológica e particular sensibilidade para com a situação sócio-religioso-cultural do país. Este segundo programa de publicações da ASTE terá em mira a formação e o amadurecimento teológico não só de seminaristas, mas também dos membros relativamente amadurecidos das igrejas brasileiras. A Assembléia Anual da ASTE, reunida em dezembro, resolveu dar mais atenção aos Institutos Bi-

blicos (instituição de ensino teológico de nível não universitário), tendo em vista que uma participação mais atuante desses institutos na ASTE trará benefícios tanto para eles como para os seminários teológicos de nível superior. "As condições culturais e sociais brasileiras legitimam ambos desde que acompanhados de seriedade e veracidade pedagógica que, digamos com franqueza, nem sempre éapanágio exclusivo dos seminários", declarou o secretário-executivo Rev. Aharon Sapeziani. A matrícula nos 13 seminários filiados a ASTE continua aumentando (1965:660; 1966:727; 1967:744; 1969:814). Também o n.º de seminários e institutos bíblicos aumenta cada ano.

Dentro da Bíblia

Há duas maneiras de estar dentro da Bíblia: moldar a fé e a conduta pela Palavra de Deus ou (e) entrar dentro do templo que os luteranos estão construindo na praia de Tórres, RS. O expressivo templo representará uma Bíblia aberta, em concreto e bráilite, e abrigará a comunidade flutuante de Tórres (veranistas) todos os domingos de manhã. Também trará à lembrança a famosa declaração dos adversários de Lutero, na dieta de Augsburg: "Vós evangélicos estais dentro da Bíblia". Os luteranos, a Assembléia de Deus e os metodistas, dão assistência religiosa aos milhares de crentes que vão para os balneários gaúchos de Tramandaí, Capão da Canoa, Xangrilá, Arróio do Sal e Tórres.

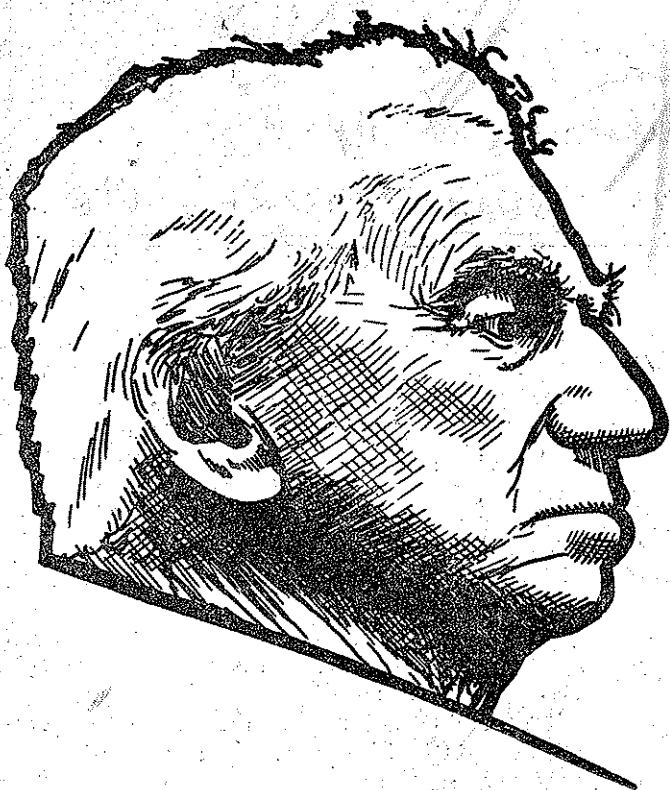
Rumo a Tóquio

Os batistas brasileiros já estão se inscrevendo no XII Congresso da Aliança Batista Mundial, a ser realizado em julho próximo em Tóquio, a maior cidade do mundo em população. Além de ser um dos maiores centros turísticos, Tóquio é o maior centro batista no Extremo Oriente. A caravana brasileira deverá partir do Rio ou São Paulo no dia 1.º de julho, à noite, num jato da VARIG direto para Los Angeles. Passando por San Francisco e Honolulu, chegará em Tóquio na ante-véspera do Congresso (de 12 a 19). O regresso obedecerá um itinerário turístico por Hong Kong (2 dias), Israel (4 dias), Roma (2 dias, incluindo visita ao Vaticano), Paris (2 dias), Madrid (2 dias) e Lisboa (2 dias). Os domingos serão considerados dia livre. A chegada ao Rio/São Paulo está marcada para 4 de agosto (35 dias ao todo). O preço à vista por pessoa, incluindo a parte aérea e a parte terrestre, está fixado em US\$ 2.419,60 (cerca de 10.000 cruzeiros novos) As despesas poderão ser financiadas (entrada de 20 a 50% do total e o resto em 10 a 20 meses, com o acréscimo).

Viva o Paraguai!

A Igreja Presbiteriana do Brasil junta-se a outras denominações evangélicas brasileiras na evangelização do Paraguai, enviando para aquele país o Rev. Evandro Luiz da Silva e sua esposa D. Lourdes. Evandro é mineiro de Ituiutaba e terminou seu curso de teologia no ano passado, tendo sido ordenado pastor em seguida à formatura. O casal já está residindo em Concepcion, a 4.ª cidade do Paraguai, com cerca de 40 mil habitantes, onde a Junta de Missões Estrangeiras adquiriu uma propriedade. Diversos crentes brasileiros estão orando pelo ministério de Evandro e contribuirão financeiramente para a obra. A Convenção Batista Brasileira enviou seus primeiros missionários ao Paraguai em 1964. Hoje ela tem três igrejas organizadas (Saltos del Guairá, Colônia Borba e Puerto Adela) e dez pontos de pregação. Em 1969 houve 19 batismos. Os batistas mantêm ali o Pastor Agnello Guimarães Barbosa, sua esposa e duas professoras. A Assembléia de Deus do Brasil tem um casal trabalhando em Assunção (Pastor Jacinto da Silva). O Paraguai com 406.751 Km², tem uma população de 2.161.000, que falam espanhol e guarani.

Se não há ressurreição de mortos, Sir Russell, então Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou é vã a nossa pregação. Mas de fato Cristo ressuscitou dentre os mortos!



Bertrand Russel no além túmulo

"Lá fora está escuro e quando eu morrer haverá escuridão dentro de mim. Não há brilho, nem imensidão... só a futilidade momentânea da ação humana e depois nada". O homem que escreveu essas palavras em sua autobiografia, Sir Bertrand Russel, Prêmio Nôbel de Literatura, em 1950, acaba de morrer. Educado pela avó presbiteriana com a rigidez do século passado, Russell não se fez cristão e explicou os motivos no livro **Por que não sou cristão**. Seu corpo foi reduzido a cinzas e estas espalhadas ao vento três dias depois de sua morte, cumprindo assim disposições que ele mesmo deixou.

Ainda bem que nem todos pensam como Lord Russell em matéria de além-túmulo. Para o pastor luterano Dietrich Bonhoeffer, executado por ordem de Himmler em 1945, a morte era a "festa soleníssima na estrada para a eterna liberdade". Para uma outra vítima da Segunda Grande Guerra, a extraordinária holandesa Corrie ten Boon, "a morte não é um covil no qual aqueles que pertencem ao Salvador devem cair, mas sim um túnel através do qual passam para a luz gloriosa do céu". O sofrimento de um campo de concentração não arrancou de seu íntimo a certeza de que "o propósito de nossas vidas não está no breve espaço de tempo entre nosso nascimento e a morte". O cristianismo cria em nós a convicção de que "a morte é uma porta através da qual passamos para um outro aposento. É uma pausa entre duas notas numa sinfonia inacabada. É uma página que viramos para um novo capítulo, no livro da vida. Não é o fim. É um novo começo. Não é o cair da noite, é uma nova aurora." (J. D. Freeman.)

Mas Bertrand Arthur William Russell, o Voltaire britânico, era lorde, era cientista, era matemático, era filósofo, era pacifista e não era cristão, apesar de ter tido, como ele mesmo declarou, os "benefícios de uma educação cristã". Foi uma pena!

Em torno de uma pedra

De 30 de março a 14 de abril, no Rio de Janeiro, em Belo Horizonte, São Paulo e Porto Alegre, estará em exposição uma pedra escura, com pouco mais de um quilo e meio. Milhares de brasileiros quererão ver essa pedra e as demais atrações da exposição móvel sobre a Lua que os americanos nos proporcionarão. Trata-se de um troféu, de alguma coisa trazida do espaço extra-terrestre, pelos astronautas da **Apollo-11**. Outros fragmentos do solo lunar já percorreram a América do Norte, a Ásia, a Europa Ocidental e os próprios países do bloco soviético.

A notícia nos traz à lembrança as duas pedras lavradas por Moisés nas quais Deus escreveu os dez mandamentos. Essas pedras foram guardadas por muitos anos na Arca da Aliança. Se preservadas até hoje teriam um valor histórico extraordinário.

Mas a pedra por excelência não é a rocha lunar nem as pedras do monte Sinai. Tanto o Velho como o Novo Testamento falam de uma pedra angular, a principal pedra, a pedra que os construtores rejeitaram (Salmo 118:22; Mat. 21:42; At. 4:11 e I Ped. 2:7). Pedro entende que esta pedra é Jesus, a primeira e a principal peça na construção de um edifício religioso, de uma convicção religiosa firme e inabalável, de uma experiência religiosa de valor profundo e permanente. Os construtores de esperança não deveriam omiti-la. Os pregadores de religião não deveriam deixá-la em segundo plano. "Ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi pôsto, o qual é Jesus Cristo" (I Cor., 3:11).

A pedra está solidamente assentada em Sião. Aquêles que crer não foge (Is. 28:16) ou não será de modo algum envergonhado (I Ped. 2:6). Aquêles que constroem sobre essa rocha verã firme a sua casa pelos séculos dos séculos, através de "eras que tombam sobre eras em eterna sucessão", mesmo que a chuva caia, os rios transbordem, os ventos soprem a batam com ímpeto contra aquela casa.



No sonho de Nabucodossor, uma pedra foi cortada sem auxílio de mãos e esmiuçou a gigantesca estátua. A do clichê é uma das rochas trazidas da Lua pela **Apollo-11**.

O perfil do futuro

O homem se preocupa cada vez mais com a sua conduta anormal e altamente nociva. Prefere não usar a palavra pecado, mas reconhece a presença de um comportamento errado que infelicitava a todos. Talvez seja um avanço na direção certa. Uma coisa, porém, que ele ainda não aprendeu a fazer é usar o método certo ou o remédio eficaz para combater o mal.

O cientista e ficcionista Arthur C. Clarke, autor de 2001, Uma Odisseia no Espaço, imagina em outro livro — Perfil do Futuro — um quadro fantástico a iniciar-se nesta década de 70. Segundo ele, os biólogos eliminarão os violentos, os ditadores e os egoístas, intervindo nos genes. Embora seja uma especulação filosófica baseada em dados científicos, a idéia é quase genial e se aproxima daquilo que de fato será feito por autoridade competente. Querera o Dr. Clarke extirpar a pecaminosidade, a propensão pecaminosa nata, bulindo com os genes?

Há quem acredite numa coisa assim e tem dificuldades em crer naquilo que está escrito na Palavra de Deus. Haverá mesmo uma transformação interior e definitiva no corpo humano. Mas não será por meio da ciência, ou dos biólogos. Tal metamorfose virá por meio de Cristo, com a ressurreição dos mortos e a transformação dos que estiverem vivos na ocasião. Antes de Arthur Clark, Paulo ensinava que "é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da imortalidade" (I Cor. 15:53). (A ficção de Clarke inclui a imortalidade biológica.) A previsão bíblica é muito mais segura e permenorizada. Envolve a natureza. Haverá "novos céus e nova terra, nos quais habita justiça" (II Ped., 3:13). A esperança dos crentes é que "a própria criação será redimida do cativo da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus" (Rom., 8:21).

Sir Bertrand Russell também antevia, "imaginariamente, a sociedade que deve ser criada, na qual o ódio, a ganância e a inveja morrem porque não encontram alimento". "Nisso eu creio e nem o mundo, com todos os seus horrores, abalou-me nessa crença", dizia. Russell esperou uma coisa altamente desejável e absolutamente certa, não pelos caminhos que ele trilhou nem pelos processos que ele imaginou. Jesus explicou que "de dentro, do coração dos homens é que procedem os maus designios, a prostituição, os furtos, os homicídios, os adultérios, a avareza, as malícias, o dolo, a lascívia, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura: ora, todos estes males vêm de dentro e contaminam o homem" (Mar. 7:21-23). O advento da sociedade idealizada por Russel será quando o Senhor Jesus Cristo transformar "o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória, segundo a eficácia do poder que ele tem de até subordinar a si todas as coisas" (Fil. 3:21). Então, o ódio, a ganância e a inveja terão morrido por falta de alimento, por não encontrar guarida em corpo algum nem ambiente para sobreviver.

Fosdick e a Ressurreição

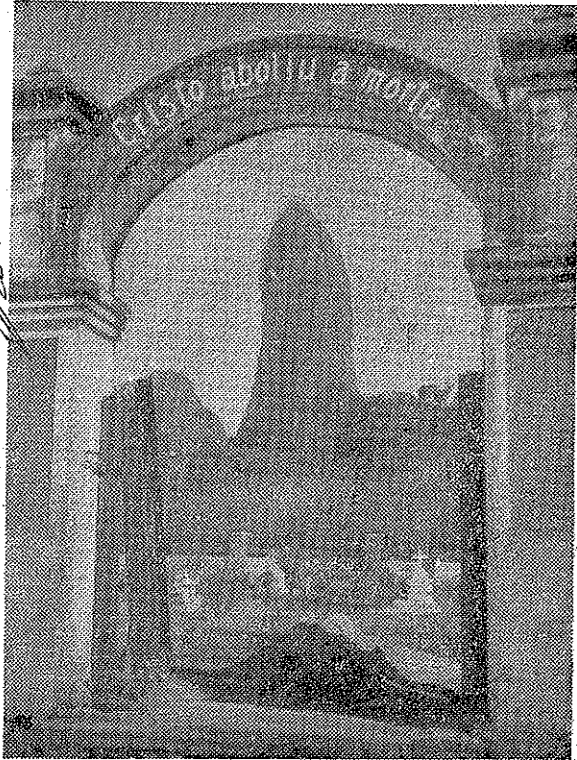


Benjamim César

Não é este jornal de polêmica. O assunto de que vou tratar, neste e em outros artigos seguintes, tem dado margem a muita controvérsia; mas o meu objetivo não é provocá-la e sim ajudar os leitores a se firmarem na fé, nesta época em que tanta dúvida volita por cima de tantas cabeças inseguras.

A História do Dogma nos mostra tendências malsãs para o desvio da verdade revelada, sempre com prosélitos entusiastas, ora incultos, ora cultos, muitos deles sinceros e convictos. Jesus e os apóstolos mesmos já as anteviam, vacinando o aparecimento de heresiarcas. Há dezenas de passagens anunciando isso, mas cito somente as seguintes: "...veio o inimigo, semeou o joio no meio do trigo, e retirou-se" (Mat., 13:25); "Levantar-se-ão muitos falsos profetas, e enganarão a muitos" (Mat., 24:11); "O Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores..." (I Tim., 4:1); "Desviam-se da verdade, asseverando que a ressurreição já se realizou, e estão pervertendo a fé a alguns" (2 Tim., 2:18); "Nos últimos dias sobrevirão tempos difíceis" (2 Tim., 3:1) ... em que não suportarão a sã doutrina... se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se a fábulas" (4:3,4); "Haverá entre vós falsos mestres, os quais introduzirão dissimuladamente heresias destruidoras... será infamado o caminho da verdade" (2 Ped., 2:1,2); "Muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora" (1 Jo., 4:1; 2 Jo., 1:7).

É de estarrecer o número de doutrinas adúlteras em torno das principais verdades



Do outro lado do portão do cemitério da comunidade luterana de São José Pequeno, no Estado do Espírito Santo, a rocha, qual um dedo, apontando para o alto, para Deus. A morte não é o fim. Enterra-se o corpo que não serve para nada mais e ressuscita na incorrupção, porque Cristo aboliu a morte!

NUNCA PRODUZIDA A JORNAL

† ULTIMATO
TRUCA O SENHOR ENQUANTO DE PODE ACUAR

Orgão de Propaganda Evangélica
Caixa Postal, 1236
Campinas, SP

José Bertolini
Rua D. Silveiro, 45 - Ap. 201

TAXA PAGA JUIZ DE FORA - MG

27
5/10/70

do Cristianismo, desde os primeiros séculos: o ebionismo, o gnosticismo, o arianismo, o pelagianismo, o monarquianismo, o monofisismo, o montanismo, o docetismo, o maniqueísmo, o nestorianismo, o apolinarianismo, o arminianismo, o escolaticismo, o pietismo, e evolucionismo, o deísmo, o racionalismo, o modernismo, e tantos outros ismos espúreos! Quantas controvérsias teológicas (sobre Deus), antropológicas (sobre o homem), harmatológicas (sobre o pecado), cristológicas (sobre a pessoa de Cristo), soteriológicas (sobre a salvação), escatológicas (sobre os últimos acontecimentos), pneumatológicas (sobre o Espírito Santo), estas últimas tão em voga nos dias de hoje!

O a que visio aqui é simplesmente apontar alguns pontos do credo negativo de Harry Emerson Fosdick, o pregador modernista de Nova York, recentemente falecido. Pensador profundo, pesquisador eruditíssimo, oferece, em uma das suas notáveis obras, que o prof. E. Then de Barros admiravelmente traduziu sob o título "A Bíblia em nossa época", páginas magníficas, que instruem, que encantam, mas cujas idéias, tão livres e avançadas, têm maléficamente influenciado tantos espíritos, mesmo no Brasil.

Para ele a Bíblia está cheia de "lendas, parábolas, alegorias, tradições judaicas"; o V. Test., de mitos, de erros; o N. Test., embora menos, também não escapa. E a Ressurreição é uma das lendas. De início, é a Ressurreição que vou focalizar.

"Não acredito na volta física de Jesus", afirma (pág. 126). Portanto, não crê na ressurreição de Cristo. Na pág. 120 declara não crer na ressurreição da carne, embora aceite a persistência da personalidade depois da morte. Chega mesmo a ridicularizar as narrativas dos Evangelhos de que Jesus, depois da morte, tenha comido, haja penetrado em recintos fechados. A notícia de que, quando Cristo morreu muitos crentes, abrindo-se-lhes os sepulcros, ressuscitaram, e, saindo, entraram na cidade, aparecendo a muitos (Mat., 27:52,53), é a coloca no mesmo grupo das tolices do V. Test., como o ferro nadar, a luz surgir antes do sol, o relógio solar de Acás, a mula de Balaão. Acha graça em que partes dispersas de um corpo se juntem de novo! Julga que tal ensino no N. Test. é fruto da influência de Zoroastro, o fundador da religião persa (600 A. C.). "No Apocalipse, escreve, toda a indumentária zoroastro-judaica foi empregada com efeito pintoresco" (pág. 123). A sucessão escatológica — estado intermediário entre morte e juízo, ressurreição geral, ajuntamento perante o trono, corpo e alma restaurados, destino final — tudo isto já era concepção dos persas. Chega a admitir que Cristo "absolutamente não se interessou por suas materializações carnis" (pág. 129).

O espaço não me permite desenvolver a refutação. Limitar-me-ei, desta vez, a responder a um dos seus queridos argumentos. Assevera que, nas referências à ressurreição de Jesus feitas pelos autores dos evangelhos, João constitui uma exceção. Em face dos outros autores do N. T., ele difere na interpretação cristã, pois afirma que Jesus vem, mas espiritualmente. E justifica a exceção alegando que João não dedicou seu evangelho aos judeus (como fez Mateus), mas ao mundo helênico. Ora, os gregos não aceitavam a ressurreição física. O Messias deles é o Logos grego, o "Reino" é uma possessão interna, imediata. Cita Jo., 14:19-23, onde o Senhor diz: "Eu vivo, vós também vivereis".

Neste caso parece-me duvidosa a posição honesta dos evangelistas: Mateus, para agradar aos judeus, fala na ressurreição (e quando entre eles havia muitos saduceus, aliás de inegável prestígio social, que não criam na ressurreição!); João, para agradar aos gregos, não aceita a ressurreição. E ambos são discípulos de Jesus, ambos inspirados!

A verdade, entretanto, é outra. O Evangelho de João tem várias referências, claras, insofismáveis, sobre a ressurreição de Jesus e dos crentes:

"Quando, pois, Jesus ressuscitou dos mortos, lembraram-se os seus discípulos de que ele dissera isto, e creram na escritura e na palavra de Jesus" (2:22). "Em verdade, em verdade vos digo (Jesus): ... vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão ... para a ressurreição da vida..." (5:28,29). "... e eu o ressuscitarei no último dia" (6:54). (Quatro vezes afirma isto neste capítulo.) "Eu sei, replicou Marta, que ele (seu irmão Lázaro) há de ressurgir na ressurreição, no último dia. Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá" (11:24,25). E todo o cap. 20 fala da ressurreição de Cristo: "Ainda não tinham compreendido a Escritura, que era necessário ressurgir ele dentre os mortos" (v. 9); "... voltou-se para trás, e viu (Maria Madalena) Jesus em pé, mas não reconheceu que era Jesus" (v. 14); "E, dizendo isto, lhes mostrou as mãos e o lado, alegraram-se, portanto os discípulos ao verem o Senhor" (v. 20). "Estando as portas trancadas, veio Jesus, pôs-se no meio, e disse-lhes: Paz seja convosco! E logo disse a Tomé: Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos, chega também a tua mão e põe-na no meu lado; não sejas incrédulo, mas crente" (v. 2,27). "E já era esta a terceira vez que Jesus se manifestava aos discípulos, depois da ressurreição dentre os mortos" (21:14).

E João não cria na ressurreição e não a ensinou aos gregos!...